

Ecofeminismo e cultura negra:

Alguns elementos que desafiam o trabalho cultural e bíblico nas comunidades afro-americanas e caribenhas

Maricel Mena López

Onde havia uma árvore chamada Mapú, havia uma fonte de água.

Agora tem se perdido as fontes de água porque cortaram o Mapú.

Também não respiramos a mesma fragrância...

No Haiti, quando vemos uma árvore bonita e grande temos a idéia de que nela moram os espíritos, por isso, merece respeito e fazemos oferendas debaixo de suas ramas.

Há outras árvores como o Palmis que têm uma carga de significados tem uma raiz boa que pode dar vida ao resto da natureza

Muitas religiões têm chegado aqui e têm apagado o mito dos espíritos nas árvores. Isto fez com que perdesse o respeito pela natureza.

Os mitos eram a sabedoria de nossos ancestrais: nossos velhos, nossas mulheres ensinavam a outras gerações o respeito pela natureza

Hoje, ao mesmo tempo que a tecnologia se impõe, destrói-se a natureza e desrespeitam-se os diretos humanos.

Oxalá que apareça um Mapú para que ajude a darmos conta disso e tomara que esse dia não seja demasiado tarde!

Com este poema-relato feito por Ivelin, num curso de Bíblia que tive a honra de assessorar no Haiti, quero iniciar este texto, carregado de experiências de vida das comunidades negras afro-americanas e caribenhas que inspiram meu trabalho e minha aproximação às teologias ecofeministas. Por isso, longe de elaborar um texto conceitual sobre as diversas correntes ecofeministas, – pois sobre isso já temos bons artigos nesta revista –, quero apenas apresentar algumas das reflexões feitas com vários grupos e comunidades de homens e de mulheres negras em especial. No entanto, em um primeiro momento, quero levantar elementos considerados importantes para a compreensão da cultura negra, elementos intimamente ligados à preocupação pela preservação da natureza. Logo após, veremos a importância da ligação do discurso ecológico e feminista no diálogo entre a Bíblia e a cultura.

I - Ancestralidade e ecofeminismo na cultura negra

O ecofeminismo, como escreve Rosemary Ruether, “representa a união de duas preocupações: a ecologia e o feminismo”. Tem a ver com associações histórico-culturais femininas, tem a ver com as mulheres e a natureza, tem a ver com as relações de homens e mulheres e sua relação com a natureza. Por isso, ciente do domínio do império masculino vivido durante séculos e do importante papel de resistência exercido pelas mulheres neste processo, quero resgatar elementos vitais que nos ajudam a recuperar o papel fundamental do ecológico e do feminino nas cosmovisões das comunidades afro-americanas e caribenhas. Elementos que nos desafiam e que exigem uma des-hierarquização do poder e do saber em prol de uma vida digna para todas e todos.

Como se entende, então, a questão cultural e ecofeminista nas comunidades negras? Como as comunidades integram o elemento sagrado nas construções culturais e religiosas? Estas perguntas nos servem como um pano de fundo para

1. Relato oral feito por Iveline Constant no curso intensivo de Bíblia *La resistencia desde la mujer y la cultura*, Camp Perrin – Haiti, Julho de 1999.

entrar em nossas reflexões. Assim, partimos do que nós entendemos como cultura, isto é, um conjunto de relações de significados, de sentidos onde os povos afro-americanos e caribenhos recriam e reivindicam o direito a ser e existir dentro dos diversos contextos de opressão, marginalização, racismo, sexismo e pobreza. Estes descendentes possuem maneiras diferentes de viver e manifestar suas experiências de fé e suas relações com o sagrado. Um exemplo disso é a experiência de fé, força, vontade e luta das mulheres haitianas que vivem e resistem em meio de situações inumanas de fome e pobreza, mas que, com sua profunda sabedoria, preservam e recriam as construções hierárquicas, androcêntricas e patriarcais das sociedades onde estão inseridas.

No poema acima, Ivelin nos lembra que a questão da ancestralidade é fundamental para a compreensão das cosmovisões dos diversos grupos étnicos trazidos para a América e o Caribe. Ela diz respeito aos fundamentos primordiais de um grupo, aos elementos mantenedores de sua identidade. De uma identidade que hoje chora o desmatamento e que reivindica os princípios universais, também chamados como elementares: terra, água, justiça, vida, fertilidade, amor, paz, riqueza, etc. A ancestralidade se entende também como a manifestação desses elementos nas pessoas e nas coisas construídas por estas, como por exemplo, as cidades. Isto significa que os ancestrais se relacionam com os princípios básicos de sobrevivência, mas que não se esgota neles, ao contrário, fazem-se sentir em cada pessoa, em cada criança, em cada mulher, em cada ancião e anciã, no governo com justiça e assim por diante. Um exemplo disso se percebe nos Orixás, deusas e deuses, dos cultos afro-brasileiros, que embora estejam intimamente relacionados com esses princípios universais e com as forças da natureza, se fazem sentir através dos corpos de mulheres e homens.²

2. Confira Wilson Caetano de Sousa Junior, organizador, *Ancestralidade Bíblia e Negritude*, n.2, AGBARA – grupo ecumênico de leitura bíblica a partir das comunidades afro-americanas e caribenhas, 1998.

A ancestralidade é uma forma de o sagrado se perpetuar na vida das pessoas, o sagrado nasce da vida das comunidades e se faz presente através da natureza, das pessoas, das coisas, da comunidade e da família entendida, não no sentido de família nuclear, pois ela abarca parentes e pessoas não consangüíneas que compartilham a vida do grupo. E esse sagrado presente na natureza é a força vital que lhes permite experimentar que tudo o que existe tem vida, é a força que alguns chamam Axé. Por isso, vários mitos da criação se fazem sempre em cooperação com os outros seres criados, incluindo mulheres e homens. As criadoras se colocam ao lado dos criadores e juntamente com eles exercem o poder de instaurar e chefiar a vida. Vemos então que existe uma integração do ecológico e do feminino nas cosmovisões afro-americanas e caribenhas.

É interessante resgatar ainda a importância dos espíritos nas ancestralidades afro-americanas e caribenhas. O poema nos diz que “no *Mapú* moram os espíritos”; trata-se dos antepassados presentes nas forças da natureza, fundadores imemorráveis dos grupos acrescidos do princípio vital soprado pelo Divino criador. Aos espíritos moradores do *Mapú* se lhes oferecem oferendas para garantir a continuidade da vida. Isto, pelo fato que a morte é uma ameaça para a coletividade e para restabelecer o caos causado por ela, deve-se oferecer uma oferenda aos antepassados ou espíritos. A morte injusta corta a vida em plenitude, pois evita que se cumpra o ciclo vital. Assim a oferenda é essencial para restabelecer o equilíbrio, pois com a morte a comunidade é abalada; isso faz com que ela se reorganize para superar este fato e restabelecer o equilíbrio. A oferenda evita a morte prematura, permitindo ao indivíduo realizar seu ciclo, chegar à velhice e atingir a imortalidade. Ela garante a continuação da vida, assim como o morto ou a morta garante o eterno renascimento. É interessante percebermos ainda um elemento contraditório nesta concepção de morte: como a partir do medo e do desequilíbrio é possível garantir a imortalidade dos espíritos? A comunidade é encorajada a trabalhar por essa preservação, quer dizer que não é uma tarefa exclusiva

dos espíritos, só é possível garantir a vida com a ajuda da comunidade. O fato de os espíritos estarem nas árvores é uma forma de garantir a perpetuidade em comunhão com a natureza.

Não podemos deixar de lado o papel importante das mulheres na preservação/resistência da herança cultural de origem africana nos cultos. Um desses mecanismos é a transmissão da palavra, a tradição oral. A palavra é poder, ela transmite força. Ela pode exercer um papel didático na preservação da vida e da harmonia comunitária, mas também pode gerar caos, no caso das pragas que são rogadas. E esse poder da palavra tem que ser usado não para promover uma hierarquização do saber, mas para gerar vida e não morte em nossas comunidades. A palavra tem importância enquanto oralidade que não se esgota nas coisas ditas, mas que se estende ao silêncio, ao corpo, ao movimento, aos toques e ao não-saber. Ivelin nos mostra claramente como estas tradições ainda sobrevivem graças à força das palavras, graças à oralidade, e aqui o papel das mulheres tem sido fundamental.

Vimos neste item a importância da ancestralidade na preservação da vida das comunidades: o sagrado ou força vital, a morte, a palavra, as mulheres aparecem como elementos vitais que possibilitam a integração do discurso ecológico e feminista nas cosmovisões afro-americanas e caribenhas. A seguir vou tentar mostrar como estas tradições foram ocultadas pela tradição judaico-cristã. Gostaria de perguntar: por que? Por que a tradição judaico-cristã silenciou o valor e a autonomia destas tradições? No intuito de responder a estas questões, pergunto pela possibilidade de diálogo ou encontro entre a cultura negra e a cultura judaico-cristã.

II - A dominação da mulher e da natureza na tradição judaico-cristã a partir de Gênesis 3,1-24

A tradição cristã, com suas raízes nos mundos hebraico e greco-romano, tem sido apontada como uma das principais origens dos padrões

simbólico-culturais que inferiorizaram as mulheres e dominaram a natureza.³ O Deus patriarcal da tradição cristã está intimamente ligado com a identidade do homem da classe dominante, dentro de uma estrutura hierárquica que promoveu a desigualdade e a dominação das mulheres e da natureza. O exemplo fundante desta dominação pode ser verificado no relato da “queda do paraíso”. Este mito trabalhado com as comunidades negras, enfocando principalmente a figura da serpente - figura mitológica ligada à sabedoria, à fertilidade e as culturas ligadas à mulher - nos tem permitido resgatar a herança cultural e religiosa das comunidades negras na tradição judaico-cristã. Por isso nos aproximamos ao texto de Gen 3,1-24 a fim desconstruir e reconstruir este mito na busca de relações mais igualitárias.

Serpente, árvore e sabedoria

O relato de Gen 3,1-24 é atribuído à tradição javista, provavelmente foi escrito entre os séculos X e VII a.C. A temática central gira em torno da promessa de descendência da terra. A isto se acresce os conflitos que surgiram na luta pela terra e na exclusividade de Javé como único Deus dos israelitas. O autor escreveu numa época na qual abundavam os símbolos da serpente, existiam religiões politeístas baseadas no culto à serpente. Por isso se Israel queria conquistar a terra e se converter numa grande nação, tinha que estar ligado ao culto a um só deus, isto é, mais forte e poderoso que os muitos deuses espalhados pelo Oriente Médio. Em outras palavras, a sabedoria ou religiões que a serpente representava constituíam uma grande ameaça para a nova religião de Israel.

O símbolo da serpente vem de várias fontes: suméria, cananéia, egípcia, acádica. No contexto social e religioso deste relato o Egito está mais

3. Rosemary Ruether, “Ecofeminismo: Mulheres do Primeiro e Terceiro Mundos” em *Revista Mandrágora*, n.6,

próximo. Quando falamos do Egito queremos reivindicar a possibilidade de influência ou participação dos povos negros na história israelita. Pois o Egito não só aparece como opressor deste povo, senão também como o portador de uma sabedoria contrária ao monoteísmo Javista. A desconfiança pela sabedoria simbolizada na serpente traz consigo o problema da contaminação pelas sabedorias estrangeiras. Para que Israel se fortalecera como nação as religiões das deusas, tinham que desaparecer. Tinha que haver um só deus para obedecer Jave e o principal símbolo dessa nova religião estava na promessa e na história. O povo israelita está saindo da dominação e essa dominação esta representada pela serpente. Nesse contexto surge o texto de Gen 3,1-24.

A personificação da serpente é importante, pois aponta o caráter simbólico do texto. O símbolo da serpente foi aquele usado mais amplamente para representar ou adornar a deusa no antigo e Próximo Oriente, ou para mediar a relação entre a deusa e a cultura humana. Por isso é símbolo de sabedoria. No Egito, a serpente era emblema da vida, ela tinha conexões com o sol e com a lua. No túmulo de Ramsés VI era chamada de "líder". Ela representava a fertilidade, era símbolo do renascimento da natureza, de esperança para a terra e também era símbolo da imortalidade. Por isso ela aparece unida à árvore da vida ou da ciência do bem e do mal. A árvore nas culturas do mundo antigo era a morada dos deuses. A imortalidade não pertence automaticamente aos deuses; eles devem comer constantemente dos frutos sagrados da árvore. Negar o acesso à árvore significa se converter em mortal.

A mulher e o homem comem da árvore que dá conhecimento fora de Javé, pois este Deus se apresenta como único portador do conhecimento. Relendo esta última colocação a partir das comunidades negras, afirmamos que essa exclusividade monoteísta nega o ecumenismo: se, assumimos isso negaríamos nosso legado cultural e religioso, negaríamos nossos Orixás. Por isso este é um ponto central na desconstrução da Bíblia Hebraica,

o Deus dos israelitas que também inspira a muitas comunidades negras deve ser amplo e plural.

Em Gen 2,17 Deus dá ordem ao homem de não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Eva ainda não tinha sido formada, ela recém aparece em Gen 2,22. Em Gen 3,14-29, Javé quer determinar os destinos de Adão e Eva. Trata-se de um gênero literário chamado de sentença, também muito empregado pelos profetas. É uma advertência, como medida preventiva. Por isso estes versículos não podem ser interpretados como um castigo, como é feito nas interpretações posteriores.

A serpente e a mulher serão inimigas

Em Gen 3,14-19 há três sentenças. A primeira é aplicada à serpente (Gen 3, 14), ela é amaldiçoada, caminhará sobre seu ventre e comerá poeira todos os dias da sua vida. Serão inimigas a serpente e a mulher, e haverá hostilidade entre a linhagem delas. Como antes falávamos, o autor do relato escreve num contexto de veneração de deusas e deuses, em meio dessa agitação política, a serpente é esmagada e maldita. A serpente - símbolo da deusa - será inimiga da mulher. Vemos aqui um interesse em tirar a palavra, o conhecimento, a religiosidade das mulheres que acreditam num poder fora de Javé.

Assim, perguntamo-nos: como um animal, símbolo da deusa e da sabedoria, representante da África egípcia e do equilíbrio ecológico, pode ser maldito? Esta sentença, embora entendida como advertência, é cruel. Ela, unida à culpabilização da mulher, serviu para promover ideologias machistas, androcêntricas e patriarcais. Por isso, resgatar a figura da serpente neste relato, é voltar às nossas raízes, é reivindicar nosso conhecimento, nossa sabedoria, nossa tradição, nosso equilíbrio ecológico, nossa palavra. Na retórica das palavras também temos linguagem patriarcal, pois nela corre-se o risco de perder esse princípio de igualdade e parceria entre mulheres e homens. Pois, do mesmo modo que a



foto: Sandra Duarte de Souza

palavra surge como algo criativo na cultura, também pode ser destrutiva, ela pode iluminar ou castigar. A tarefa é: ficarmos atentas e atentos à retórica patriarcal presente não só nos mitos bíblicos, senão também nos mitos de outras culturas e práticas comunitárias de fé.

A mulher terá dores, desejará seu marido e este a dominará

A segunda sentença é aplicada à mulher: terá muitas dores na gravidez e no parto, e desejará seu marido e este a dominará. Nesta sentença há

dois temas centrais em torno das mulheres: a maternidade e a sexualidade. Aliás, a preocupação pelo controle dos corpos das mulheres perpassa toda a Bíblia Hebraica e toda a ideologia patriarcal. A busca do conhecimento e sua identidade com a serpente, símbolo de sabedoria, fazem com que ela passe à história como a grande tentadora de todos os tempos, modelo do caráter sedutor de tudo o sexo feminino. Sua identificação com a deusa sábia personificada na serpente foi reduzida ao controle de sua sexualidade. Seu corpo foi entendido como corpo para a reprodução. Essa dominação sexual se une à necessidade, dependência e domínio do homem. A mulher que antes podia confiar na deusa para que a ajudasse nos partos, dará a luz à seus filhos com dor. As mulheres ficaram subordinadas aos homens e responsabilizadas por esmagar a deusa em forma de serpente. É evidente que esse relato entendido dessa maneira fomenta a subjugação das mulheres. Por isso desde uma ótica ecofeminista deve-se posicionar e

denunciar qualquer tipo de dominação das mulheres e da natureza.

O homem, por ter escutado a mulher, morará numa terra amaldiçoada

A última sentença é aplicada ao homem. Este não recebe nenhuma advertência sexual, sua sentença se relaciona com suas condições de trabalho. Ele, por ter escutado a voz da mulher, morará numa terra amaldiçoada, com suor e trabalho comerá todos os dias, até retornar à terra. (Gen 3,17-19). Esta sentença é aplicada num contexto camponês, onde o trabalho e os frutos da terra são importantes. Contudo, a inimizade entre o

homem e a terra está traçada. Esta sentença aparentemente menos drástica, esconde os motivos pelos quais os homens se distanciaram da natureza negando sua realidade como parte dela, reivindicando seu domínio, atuando fora dela. É interessante observar como neste relato a morte é vista como algo trágico, embora formando parte do ciclo natural. A morte não é somente vista como um castigo pela transgressão, senão que também sugere que ela é produto das mãos das mulheres, representadas em Eva e na serpente. Ela, a mãe de todos os viventes, se converte em portadora da morte. A morte é vista como consequência do não-cumprimento do pacto com Javé. Em muitas religiões nas quais se adorava a serpente existiam deusas e deuses bons e maus, que simbolizavam a ambigüidade da existência humana. Mas o Deus dos israelitas, para ser eficaz, não poderia ser bom e mau ao mesmo tempo.

Para continuarmos pensando e refletindo

No primeiro ponto, tentamos mostrar a importância da ancestralidade como elemento cultural que nos possibilita pensar numa integração das mulheres e do ecológico como referências importantes na compreensão das cosmovisões afro-americanas e caribenhas. A ancestralidade traz consigo elementos considerados vitais para pensar o ecofeminismo. Elementos como o sagrado ou força vital, a palavra, as mulheres, a morte. Cada um deles nos lança algumas questões que são primordiais para uma proposta ecofeminista. Como pode ser demonizado pela tradição religiosa cristã o elemento sagrado de deusas e deuses presentes nas forças da natureza nestas cosmovisões afro-americanas e caribenhas? Por que as tradições orais destes povos são desvalorizadas pelo racionalismo androcêntrico e patriarcal? Como podem ser denominadas de bruxas ou feiticeiras mulheres independentes portadoras de uma tradição que resiste ao colonialismo? Como um povo que acredita na velhice como forma de atingir a imortalidade é morto prematu-

ramente num sistema que exclui e não dá oportunidades iguais a mulheres e homens negros na sociedade? Não pretendo dar resposta a estes interrogantes, mas refletir como estes têm eco nas narrativas da criação dos mitos do Gênesis.

Os elementos sociais e econômicos que aparecem nestas sentenças justifica o sistema de dominação econômica e legal das mulheres, da terra e dos animais. Este sistema é ideologicamente bem justificado a modo de aparecer como algo natural e inevitável nesta cosmovisão patriarcal. Por isso, a análise ecofeminista quer observar esses padrões sociais e culturais pelos quais as mulheres e a natureza são inferiorizadas.

A força vital presente na árvore do Mapú parece estar presente na árvore do bem e do mal do Gênesis. Tratam-se dos ancestrais, das divindades que transmitem sabedoria, garantem o equilíbrio do ciclo vital e dão imortalidade para os seres viventes. Resgatar as árvores como fontes de vida é garantir vida e imortalidade para todos os seres viventes. Junto com as árvores, a serpente também é importante nas cosmovisões afro-americanas e caribenhas. Ela representa, além da sabedoria feminina, o ciclo da vida. Todos os elementos do cosmos estão inseridos no círculo sagrado formado pela serpente. Como vimos, a ligação entre as mulheres e a serpente é evidente não somente nas religiões antigas, mas também se evidencia nas culturas negras. Por isso temos que resgatar estas duas figuras do patriarcado. Devemos reinventar estas metáforas como geradoras de vida e não de morte, como foi comumente interpretado. Paradoxalmente, nosso desafio é reivindicar o direito de uma morte dentro de nosso ciclo natural, quer dizer, nosso direito a chegar à velhice e morrer dignamente numa terra saudável, garantindo assim nossa imortalidade. Deste modo entendemos a morte não como fim e sim como um novo começo. Uma proposta ecofeminista também se pergunta pelas relações de poder entre homens, mulheres e natureza, por isso, denunciemos a hierarquia do domínio masculino das mulheres e da natureza. Reivindicamos, porém, a integração

dos elementos vitais da natureza, a vida e a morte, o feminino e o masculino, o bem e o mal, como imagens integrais da vida humana.

Em suma, cabe a nós estarmos atentas a qualquer forma de violação e desrespeito às mulheres e à natureza, em nossas comunidades. Assim como Ivelin, temos que denunciar a massacre da terra, a destruição da natureza e dos direitos das mulheres em todo o continente. Devemos denunciar a situação de morte em que vivem as mais pobres do planeta, isto é, as mulheres pobres, negras e indígenas... devemos tentar construir um mundo onde possamos viver em harmonia com todos os seres criados.

Bibliografia

ATABAQUE - ASETT. *Teologia Afro-Americana, II consulta ecumênica de teologia e culturas afro-americana e caribenha*, São Paulo, Paulus, 1997.

CONDREN, Mary, "Eva y la serpiente: el mito fundamental del patriarcado" em *Del cielo a la tierra: una antología*

de teología feminista, Mary Judith Ress, Ute Seibert-Cuadra, Lene Sjørup, editoras, Santiago, Sello Azul, 1994, p.209-235.

GEBARA Ivone, *Teologia ecofeminista*, São Paulo, Editora Olho d'Água, 1997.

LEITE, Fábio. *A questão ancestral, notas sobre ancestrais e instituições ancestrais em sociedades africanas: Ioroba, Agni e Senúfo*, Tese de Doutorado em Ciências Humanas, Sociologia, apresentada à FFLCH/USP, 1993.

MENA, Maricel López, "Mujer negra y Biblia" em *Revista Mandrágora*, n.3, São Paulo, UMESP, 1996, p.25-30.

RUETHER Rosemary, *Gaia and God: an ecofeminist Theology of Earth Healing*, San Francisco, Harper San Francisco, 1992.

_____. "Ecofeminismo: Mulheres do Primeiro e Terceiro Mundo" em *Revista Mandrágora*, n.6, 2001.

SOUSA Wilson Caetano Junior, organizador. *Ancestralidade Bíblia e Negritude*, n.2, AGBARA – grupo ecumênico de leitura bíblica a partir das comunidades afro-americanas e caribenhas, 1998.

_____. "Evangelização e diálogo junto às comunidades afro-americanas e caribenhas", em *Revista Mandrágora*, n.3, São Paulo, UMESP, 1996, p.16-25.

VERGER, Pierre, *Orixás*, São Paulo, Corrupio, 1991.